
UM PERSONAGEM DA MEMÓRIA CAMPO-BONENSE? O EMBLEMÁTICO PASTOR KLINGELHOEFFER, SOLDADO FARROUPILHA



José Edimar Souza
Graduado em História – UNISINOS
Mestrando em Educação – UNISINOS
E-mail: profedimar@gmail.com

RESUMO: A presente pesquisa analisa os motivos que teriam levado um “cura de almas” a empunhar armas contra o Império. Friedrich Christian Klingelhoetter, popularmente conhecido como Pastor Farrapo, com seu envolvimento na Revolução Farroupilha transforma-se em pastor mártir da causa republicana no Rio Grande do Sul. Na busca das justificativas deste fato avalia-se a situação política da Europa (Alemanha) no século XIX, bem como o Brasil e o Rio Grande do Sul à época da imigração de Klingelhoetter. Neste contexto, se desenvolve a trajetória e importante participação de Klingelhoetter na Revolução Farroupilha e, principalmente, no desenvolvimento de Campo Bom e para o progresso do Vale dos Sinos.

Palavras-chave: Imigração Alemã – Protestantismo – Revolução Farroupilha – Pastor Farrapo.

RESUMEN: Esta investigación examina los motivos que habrían tenido un "cura de almas" a tomar las armas contra el Imperio. Friedrich Christian Klingelhoetter, popularmente conocido como “Pastor Farrapo”, con su participación en la Revolución Farroupilha, se convierte en un mártir de la causa republicana en el Río Grande do Sul. En la búsqueda de explicaciones de este hecho se busca analizar la situación política en Europa (Alemania, siglo XIX), así como en Brasil (Rio Grande do Sul) en el momento de la inmigración de Klingelhoetter. En este contexto, se desarrolla la trayectoria y la importante participación, en la Revolución, de Klingelhoetter Farrukhabad y, especialmente, en el desarrollo de Campo Bom y del Vale dos Sinos.

Palabras-clave: Imigración alemana - Protestantismo – Revolución Farroupilha – Pastor Farrapo.

INTRODUÇÃO

Campo Bom, setembro de 1989, em meio à multidão, numa tarde de primavera florida, numa tarefa escolar de “estudos sociais” o tempo registra o primeiro encontro entre o homem e a memória. Desde a quarta série a “Rua Pastor Frederico” despertara minha curiosidade e alimentou meu interesse pela pesquisa de Klingelhoetter. O desconhecimento da comunidade sobre a memória de Klingelhoetter talvez tenha colaborado para este estudo, uma vez que estamos em constante mudança, e, particularmente nos dias de hoje, elas acontecem tão rápido que quase não temos tempo de refletir, ou mesmo de registrar na memória os acontecimentos. A chamada globalização é um fenômeno universal. Porém, nós só conseguimos viver o nosso planeta se soubermos o que aconteceu e o que acontece no “nosso pedaço”, naquele em que ou

nascemos ou escolhemos para viver. Pesquisar Klingelhoetter é uma tentativa de atualizar nossa memória e nossa cultura. Este é um processo em construção, como a própria vida, não tem um ponto de chegada, estamos o tempo todo aprendendo, ensinando, interpretando e produzindo conhecimentos. A pesquisa também pretende pensar os espaços construídos da memória no município, considerando as edificações e até mesmo os nomes das ruas como parte integrante do patrimônio histórico cultural.

Ainda seguindo os passos desta memória, minha admiração por Klingelhoetter foi crescendo, considerando sua coragem em enfrentar a sociedade de sua época, em abandonar seu lar e lutar com tamanha convicção pelos seus ideais, ideais também compartilhados por aqueles que discordavam do posicionamento do governo da época (século XIX). Contudo, este estudo quer rememorar, a partir da figura de Klingelhoetter, a história da comunidade campo-bonense percebendo sua trajetória singular entrelaçada à história coletiva. Com certeza, não só Klingelhoetter, mas os colonos imigrantes que participaram como ele do desenvolvimento local e colaboram para o progresso de nosso país merecem reconhecimento que transcenda conforme NORA (1993) os “lugares da memória”.

Nossa história foi e é construída na ação de homens como Klingelhoetter, homens de seu tempo. Se para o Pastor a Revolução não atingiu o efeito desejado, bastou para que o Império brasileiro percebesse o Rio Grande do Sul e de que nele havia homens mais que determinados, que batalhavam por uma liberdade e igualdade de justiça perante as demais províncias brasileiras.

E o tempo foi passando. Dessa forma, construí novas interrogações, e minha principal pergunta neste trabalho é sobre o que teria levado Frederico, um pastor, um homem devotado às causas da religião a pegar em armas e transformar-se em caudilho. Detive minha atenção nesta pergunta e, na busca para um termo mais adequado a Klingelhoetter, descobri que ele é a soma de soldado, professor, pastor, de homem acima de tudo determinado a lutar pelos seus objetivos.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho serviram de norte as referências feitas a Klingelhoetter por: GUINZBURG (2001), HUNSCHE (1975, 1977), SARLET (1993), AMADO (2002), DREHER (1984, 1992, 1993, 1995, 1999, 2002), LANG (1996), TRAMONTINI (2000), TELLES (1970), PICCOLO (1992, 1997), RAMBO (2002), REIS (1994), que reúnem os estudos mais expressivos sobre o

Pastor Farrapo e a perspectiva teórico-metodológica que orienta a escrita desta pesquisa. Contudo utilizei como metodologia de trabalho não apenas os documentos bibliográficos, embora tenha sido a fonte principal da pesquisa. Vali-me também da entrevista oral, utilizada com intuito de contribuir nas compreensões sobre as consultas bibliográficas e documentos. Infelizmente não foi possível responder as novas perguntas que surgiram no decorrer da pesquisa. Ainda é preciso verificar algumas hipóteses acerca dos livros de registros iniciais de Campo Bom, consultar a Cúria Metropolitana de Porto Alegre, a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e verificar o que consta na lápide de Louise Klingelhoefter, no Cemitério Evangélico de Porto Alegre, compreendendo que os restos mortais de Klingelhoefter, possivelmente, se encontrem enterrados neste local, pois de fato, no monumento, existe uma homenagem ao soldado morto em campanha. A este trabalho, muitos outros devem ser somados, pois o presente estudo reúne, a partir de uma curiosidade, as informações referentes ao objeto de estudo. Trata-se da tentativa de reunir o maior número possível de dados/significados sobre Klingelhoefter, inserido-o na micro-história. O mais importante é que o trabalho estimule o interesse e seja capaz de despertar perguntas, afinal o trabalho historiográfico é algo que não se completa, está em constante interpretação e reavaliação, não impedindo a continuidade da pesquisa noutra oportunidade.

Muitas surpresas surgiram com a pesquisa. Novas interrogações levaram a reconhecer em Louise, figura de destaque da mulher imigrante, no início do século XIX, em Campo Bom. Imaginemos o que não passou esta jovem imigrante, oriunda de uma família nobre, entregando-se ao desconhecido, e aguentou firme a viagem para outro país, talvez por saber da importância de sua função enquanto esposa de pastor. Ela também trabalhou lado a lado do marido na lavoura; na construção da igreja; nos primeiros tempos da comunidade e na revolução. Na guerra, foi corajosa o suficiente para enfrentar toda uma sociedade adversa a sua imagem, educar e casar as filhas, dando continuidade à família Klingelhoefter.

Diante da Revolução Farroupilha e das idéias de justiça e liberdade proporcionadas pelos *farroupilhas*, Klingelhoefter (Pastor Farrapo) se engaja na revolução, percebendo nessa, uma oportunidade para realizar os objetivos que vinha nutrindo nesta terra que o acolhera.

Preservar a memória histórica significa preservar a alma de uma comunidade humana com fatos importantes. Como afirma BLOCH (1976) que “o passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é coisa em processo, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa”. Assim, as formas para perscrutar e construir o

conhecimento não são algo acabado, pronto. Esta pesquisa é um ensaio e uma motivação para muitos outros que a este devem somar-se.

Dessa forma, nesta pesquisa buscou-se apreender os mais amplos dados para compreensão de Klingelhoefter, através do econômico, do social e da vivência cotidiana, considerando sua função para a compreensão da história da comunidade. A história se constrói de ações simultâneas e múltiplas num determinado ambiente.

UM IMIGRANTE EM CAMPO BOM: TRAJETÓRIA E REVOLUÇÃO

A Alemanha deixada por “Friedrich Christian Klingelhoefter” (1825) fora sacudida por inúmeras transformações políticas e econômicas. Surgiram agitações sociais em toda parte. Napoleão apresentava a “libertação” da ordem absolutista sob a hegemonia do poder francês. Após a derrota de Napoleão, era preciso restabelecer o equilíbrio de poder desestruturado pelo mesmo. Na maior parte da Europa, os monarcas detinham as rédeas do poder político. O expropriação das terras e as ralas condições econômicas da população camponesa não deixavam outra alternativa senão emigrar. Muitos soldados e particulares emigraram para o Brasil. Klingelhoefter emigra para o Brasil, no final de 1825, ingressando como colono, e com recomendações do Major Schaeffer, “Agent d’Affaires Politiques” do Império brasileiro.

Os alemães que irão colonizar o Brasil são provenientes de diversos Estados Alemães, dos quais Württemberg, Mecklemburgo, Hamburgo, Lübeck, Bremen e Palatinado, a propaganda imigratória parece receber maior destaque e liberdade. É do Grão-Ducado de Hessen-Darmstadt que parte, em 1825, Klingelhoefter.

Por intervenção do Major Jorge Antônio von Schaeffer, “Agent d’Affaires Politiques”, de D. Pedro I, preocupado com o atendimento médico e religioso dos seus colonos, chegam no período de 1824 até meados de 1826 à Colônia Alemã de São Leopoldo, três médicos com curso acadêmico e três curas de almas para o grande número de imigrantes de religião evangélica. João Jorge Ehlers (1824), Carlos Leopoldo Voges (1825) e Friedrich “Christian”¹ Klingelhoefter (1826).

¹ De acordo com Hunsche, Carlos H. *O ano 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Metrópole, 1977. “É costume muito prático entre alguns genealogistas alemães de por entre aspas, quando houver mais de um prenome, o nome pelo qual a pessoa é chamada. “Christian” (Cristiano) foi, portanto, o prenome principal no nosso biógrafo” (p. 343). A grafia do sobrenome, aparece, basicamente, de duas maneiras: *Klingelhöffer*, *Klingelhoefter*. As fontes alemãs indicam o uso do “ö” tremado. Ainda aparece, por vezes, graficamente com um “f” ou com “e” no lugar de “oe” junto com um “f”.

Friedrich “Christian” Klingelhoetter nasceu em 15 de setembro de 1784 em Battenberg, no então Ducado-Eleitoral de Hessen-Kassel, irmão gêmeo de August “Karl”. Era o segundo de cinco filhos do conselheiro florestal (“Forstrat”) Friedrich “Ludwig” Klingelhoetter (1740-1812) e de Karoline Frederike Schlechter (1765-1832), filha de um alto funcionário da corte grão-ducal de Hessen-Darmstadt (*Fürstlich Hessen-Darmstädtischer Hofrat und Vogt*). Casou entre 1810 e 1811, em Buchenau, com Luise Stapp, nascida em 7 de dezembro de 1794, em Biedenkopf, Ducado de Nassau. De fevereiro de 1809 até fevereiro de 1819, exerceu seu primeiro pastorado em Buchenau, sendo depois transferido para Bobenhausen, perto de Ultrichstein, onde cuidava, também, das comunidades de Petersheyner Hof e de Rappelsmühle. Em Bobenhausen, permaneceu até 1825, quando emigrou para o Brasil.

Klingelhoetter criou-se no seio de uma família nobre da elite de Hessen-Kassel. Indivíduo eminentemente letrado, possuía formação acadêmica em Teologia pela Universidade de Giessen, Hessen-Kassel, sendo o quarto pastor evangélico a vir para o Brasil e o terceiro para o Rio Grande do Sul. Contudo, ignoram-se os motivos que levaram Klingelhoetter a emigrar para o Brasil. Talvez dificuldades financeiras o motivassem, pois possuía numerosa família. É paradoxal que um pastor com curso acadêmico tenha vindo ‘pegar na enxada’ em terras do Rio Grande. Mas neste ministro do evangelho tudo é fora do comum, como veremos.

Em entrevista, o Senhor Luis Fernando Fayet Gusmão (2003), tetraneto de Klingelhoetter, recorda que o pastor trouxe consigo 20.000 cruzados, e havia migrado na expectativa de receber uma Sesmaria de terras no Rio Grande. O que justifica o fato de sua espera no Rio de Janeiro no período de dezembro a fevereiro de 1826, na expectativa de falar diretamente com o Imperador e também por ter comprado 4 escravos como refere o Documento nº 34 do AHRGS de 14/02/1826, que seriam necessários para o trabalho no campo.

Em HUNSCHE (1977), conforme a *Geschichte der Familie Klingelhöeffer* (História da Família Klingelhoetter) de Th. Klingelhoetter,

(...) o Pastor Klingelhoetter em Bobenhausen foi, nas suas horas vagas, um assíduo caçador, um verdadeiro Nenrod. Certo dia, exercendo essa mui nobre ocupação, entrou em conflito com o guarda-bosque Reitz, mais tarde mestre-de-bosque em Dieburg, e conta-se que teriam disparado tiros um contra o outro. Em consequência disso, ambos teriam obtido meio ano de reclusão na praça forte de Bobenhausen. Para evitar complicações posteriores, o pastor, amante da caçaria, teria emigrado para o Brasil (p. 78/79) (HUNSCHE, 1977, p. 344).

Tal incidente talvez explique, em parte, o envolvimento do orgulhoso e impetuoso pastor a abraçar, com tanto fervor, a causa do ideal farrapo: remanescentes de insatisfações para com a sociedade pela qual se sentia ferido. Além de sentir-se marcado diante da comunidade em que exercia seu pastorado e das autoridades Eclesiásticas e Civis. Nesta situação, Klingelhoetter pediu demissão ao soberano, o Grão-Duque de Hessen-Darmstadt, e recebe autorização Eclesiástica para partir em 1825.

Dentre as combinações com Schaeffer, estava a concessão de uma sesmária em qualquer parte dos terrenos livres do Brasil. Em carta de Schaeffer ao seu Augusto Senhor D. Pedro I, datada de 9 de setembro de 1825, consta que viria o Pastor com seis pessoas e 20.000 cruzados.

Klingelhoetter viajou na Galera Dinamarquesa “Creole”, sob o comando do Capitão Jacob Bendixen, chegando ao Rio de Janeiro em fins de dezembro de 1825.

O cenário político do Brasil no primeiro quartel do século XIX é marcado por profundas transformações. O expansionismo Napoleônico reflete a “fuga” da família Real para o Brasil, reproduzindo transformações socioeconômicas, culturais, e político-administrativas. A abertura dos “portos” às Nações amigas significou o contato mais dinâmico com a Europa. A Independência (1822) possibilita a aplicação de uma política de imigração, oportunizando a constituição de um exército nacional. É na primeira década do século XIX que as colônias latino-americanas promovem sua independência com uma propaganda Federativa Republicana. O próximo contato com a Província do Prata permite que a idéia Republicana e Federativa esteja presente nos discursos ideológicos e implica tomada de posicionamentos político-partidários. Em meio a estes acontecimentos importantes para o Jovem Império do Brasil, no ano de 1825, chega no Rio de Janeiro o Pastor Klingelhoetter.

O período Regencial pôs em destaque os conflitos nos quais o Brasil vivia, e que a Independência, feita à base da conciliação de forças, não permitira que aflorassem no momento da ruptura com Portugal.

De acordo com HUNSCH (1977), a família Klingelhoetter ficou esperando mais de dois meses na capital do jovem Império, “perto da corte”, a fim de obter, diretamente do Imperador, as terras (uma sesmária) que lhe haviam sido prometidas e nunca negadas. D. Pedro, porém, naqueles meses inquietos em que ainda estava em jogo a separação política de Portugal, ocupava-se da sua importante viagem de pacificação à Bahia, da qual voltaria só em abril de 1826. Klingelhoetter,

já decidido a estabelecer-se no sul do país (“nas margens do Rio Jaguarão”), postergou, várias vezes, a sua partida para Porto Alegre, até, finalmente, embarcar no dia 15 de fevereiro de 1826, na sumaca² “ligeira”, uma embarcação pequena e, como já indicava o nome, ligeira, que transportava, além da família pastoral (acrescida de quatro escravos), cinco solteiros.

Antes de embarcar, obteve duas cartas que reconheceram seu direito. Ambas as cartas são de 14 de fevereiro; ele as deveria entregar, em mãos, ao Presidente da Província em Porto Alegre. A primeira do Visconde de Caravellas ao Monsenhor Miranda (inspetor da colonização estrangeira no Rio de Janeiro) e a Segunda, do Monsenhor Miranda ao Presidente da Província (José Feliciano Fernandes Pinheiro, o qual, naquele mês, já havia sido substituído por José Egídio Gordilho de Barbuda:

Se os primeiros imigrantes alemães e as levas seguintes foram acomodados na ‘Casa do Imigrante’ em Feitoria Velha, deveriam ter desembarcado no Porto das Telhas, a menos de mil metros daquela relíquia tão mal conservada. Isto posto, entendo que a navegação no rio dos Sinos iniciou com canoas, as quais remavam daquele porto ou em direção ao ‘Passo’ (onde logo se estabeleceu Inácio Rach) ou a Campo Bom. Foram estes, inicialmente, os pontos mais avançados em direção sul e norte (BECKER, 1980, p. 96).

Depois de mais uma viagem, Klingelhoeffer e sua família chegam ao “Rio Grande”, e logo são encaminhadas à Feitoria Real do Linho Cânhamo.

Quando da imigração alemã (1824), o Rio Grande do Sul é latifundiário e militar devido à posição fronteiriça, destaca-se a presença do poder local. Os estancieiros também representavam o poder político e econômico, representado pela pecuária (abate, charque e derivados).

Na colônia de São Leopoldo, estava a comunidade de Campo Bom, que em pouco tempo passa a ocupar um espaço privilegiado naquilo que diz respeito ao trabalho dos artesãos especializados. O lugarejo era passagem garantida dos tropeiros, no qual, devido à vegetação ali existente faziam sua parada obrigatória. Dessa forma, a comunidade vai ganhando corpo e o Travessão (atual Av. Brasil) tornou-se um espaço importante com a fundação da Igreja-Escola da comunidade.

² Sumaca (hol. Smack): embarcação veleira, pequena, de dois mastros. Cf. HUNSCHE, Carlos H. *O ano de 1826 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Metrópole, 1977, p. 246.

No entanto, a política do primeiro Império no Brasil produziu agitações sociais em todo país. Desde a independência, a população passara a posicionar-se por afinidade ideológica. Na década de 1830, um levante da elite aristocrática da Província anunciou uma revolução que se faz sentir no interior da Colônia de São Leopoldo. Talvez por sentimento “nacional”, mas muito mais por causas particulares o Pastor Klingelhoefter ingressa no movimento.

Para AMADO (2002), a legislação brasileira referente à imigração foi extremamente confusa. Ora os imigrantes estiveram a cargo do governo imperial, ora do provincial, às vezes inteiramente abandonados porque se cortavam as verbas a eles destinadas. Houve modificação constante nos direitos e nas obrigações dos colonos, que obedeciam a leis diferentes, segundo a data em que entravam no país. Os imigrantes tiveram de passar por um duplo processo de adaptação. O primeiro foi interno, traduzindo-se numa busca de identificação como grupo; o segundo, externo, foi relativo ao meio ambiente novo e hostil no qual foram praticamente abandonados. Além de alimentar as insatisfações com a política brasileira e as muitas promessas não cumpridas.

As terras campo-bonenses, localizadas à margem direita do Rio dos Sinos, constituíam-se, originalmente, numa área de campos e matos que cobriam as coxilhas e os vales. O solo arenoso e argiloso permitiu o surgimento de uma variada vegetação, na qual salientaram-se as gramíneas e matas. Os gramados cobriam, preferencialmente, as coxilhas e várzeas, que eram constituídas de plantas de pequeno porte e propícias à criação de gado.

A família Klingelhoefter chega à Colônia Alemã de São Leopoldo em 17 de abril de 1826, e o Pastor recebeu um lote de 77 ha. Como qualquer outro “colono”, ficou nos confins da “Costa da Serra” em Campo Bom, entre as terras de João Blos e João Vetter. Todas as recomendações e vantagens do seu “*status*” de nada lhe serviram. Registra-se que o pastor chegara num momento inoportuno visto que “(...) José Feliciano Fernandes Pinheiro, o grande idealizador da colonização germânica, já não era mais Presidente da Província e seu sucessor era inexperiente, ineficiente e de atitudes duvidosas” (HUNSCHE, 1977, p. 348).

Para SARLET (1993), o Pastor Ehlers não teve muitas simpatias entre os colonos. Em maio de 1829, alegando a grande distância e a região pantanosa a ser atravessada para participar do culto, 243 colonos do lado oeste do Rio dos Sinos enviaram uma petição ao Governo Imperial solicitando que o Pastor Frederico Cristiano Klingelhoefter, atuando há algum tempo ao lado do pastor Ehlers, fosse confirmado como seu pastor, nas mesmas condições deste, isto é, sendo assalariado pelo Governo. Com a oficialização do cargo, houve a primeira separação na

Comunidade Evangélica de São Leopoldo. E o pastor Klingelhoefter passou a atender uma enorme região que abrangia, inclusive, Estância Velha e Hamburger Berg.

Klingelhoefter parece ter se dedicado até 1827 exclusivamente à lavoura, passando, a partir de então, a atender, por iniciativa própria, a vida espiritual e religiosa dos seus conterrâneos protestantes, limitando-se a não entrar em conflito com o Pastor Ehlers na Feitoria Velha. Atendendo aos colonos evangélicos de Campo Bom, Hamburgo Velho, Dois Irmãos, Bom Jardim (hoje Ivoti) e Estância Velha, povoações em formação no lado direito do Rio dos Sinos. A separação das colônias do lado esquerdo e direito deu-se somente em 1829, depois da construção, em 1828, em Campo Bom, a primeira igreja evangélica do Rio Grande do Sul, com recursos próprios do pastor e o auxílio de alguns paroquianos. As terras do cemitério foram doadas por Jacob Dreyer e Pedro Hirt, apesar de católico, doou o terreno onde se construiu a Igreja de madeira, mais tarde substituída por outra de alvenaria.

Cabe ao Pastor Klingelhoefter o mérito de ter sido o construtor da primeira Igreja de culto protestante no Rio Grande do Sul. Na igreja de Klingelhoefter, aos domingos, se realizava o culto divino e, nos dias da semana, funcionava uma escola, cujo mestre era o próprio pastor.

Klingelhoefter também exercia, no intervalo do trabalho comunitário, a profissão de colono, sendo morador do ‘Morro das Pulgas’ (atual Bairro Rio Branco). Possuía sua residência próxima ao atual Campo Esportivo do Oriente, localizada entre as propriedades de João Blos e João Vetter. O trabalho agrícola visava a complementar seus esparsos ganhos comunitários, que impossibilitavam maior dignidade de vida.

Quando o Governo Provincial atendeu à solicitação dos colonos em prol da petição de Klingelhoefter como pastor, este passou a pagar-lhe um salário. Como gratificação, foram lhe acordados 20\$000 réis por mês ou 24\$000 por ano, isso, depois de 5 anos de pastorado gratuito. O Pastor Ehlers, porém, recebia, desde o começo, aproximadamente o dobro: 400\$000 réis por ano. Por que esta diferenciação em desfavor de Klingelhoefter? Depois de tantos vexames e desconsiderações: na Alemanha, a reclusão desonrosa de seis meses; no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, a não concessão das terras prometidas; em Campo Bom, o indeferimento do primeiro requerimento e, no segundo a humilhante diferença remuneratória, mesmo sendo um pastor formado em Teologia.

Klingelhoefter teve seis filhos, sendo a primeira filha Karoline Klingelhoefter, casada com Reinhard Frank, Johanna Sophia Klingelhoefter casada com José de Moura, George Karl Wilhem

Hermann Klingelhoetter (único filho), também general farroupilha, Auguste Karoline Elise Klingelhoetter, casada com Johann Georg Fayet, e Ernestine Wilhelmine Hedwig Klingelhoetter, casada pela primeira vez com Nicholas Hasslocher, divorciou-se antes de 1857 e casou novamente, em Porto Alegre, com Wilhelm ter Brueggen. E Emilie, a única nascida no Rio Grande do Sul.

De acordo com TRAMONTINI (2000), não é fácil pesquisar sobre a atuação pastoral de Klingelhoetter no sul do Brasil, por terem desaparecido os livros paroquiais da comunidade evangélica de Campo Bom, onde exerceu o curato de almas até, pelo menos, 1836. HUNSCHE (1977) diz que os livros foram levados em 1845 para a nova colônia de São Lourenço pelo pseudopastor Schmidt (alfaiate de profissão). Já para Klaus Becker, os livros teriam sido levados para Rio Pardo pela própria esposa de Klingelhoetter, depois da morte do marido. Em entrevista, Luis Fernando Gusmão reafirma a hipótese de os livros estarem na Biblioteca Nacional, considerando que podem ter sido retidos pelo exército de Rio Pardo. Depois da desativação da Academia Militar de Agulhas Negras e sua transferência para o Estado do Rio de Janeiro, os livros podem ter chegado ao Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PASTOR OU REVOLUCIONÁRIO?

A Revolução Farroupilha faz parte dos movimentos liberais que abalaram o Império do Brasil no período regencial. O Ato Adicional de 1834 e as atitudes políticas da Regência não agradavam à elite latifundiária da Província do Rio Grande de São Pedro. O choque entre o poder centralizador da Regência e o localismo da aristocracia gaúcha provocam reclamações na Assembléia que em 1835 é tomada pela rebelião.

Distante de discutir a Revolução³ Farroupilha na articulação de suas causas, conseqüências e conceitualização terminológica, a proposta é compreender a maneira pela qual se procedeu o envolvimento do Pastor Klingelhoetter, denominado, posteriormente, “Pastor Farrapo“, pastor mártir da causa republicana do Estado.

De outra maneira, das rebeliões regenciais, a Revolução Farroupilha é a mais longa (1835-1845), sendo que a participação de Klingelhoetter concentra-se na fase inicial (1835-1836), até à

³ FALCON (1994) apud Gusdorf e H. Arend reportam-se ao fato de que a palavra revolução faz parte, inicialmente, do vocabulário da astronomia; movimento circular; retorno de um astro ao seu ponto de partida; o exemplo clássico é dado pela obra de Copérnico *De revolutionibus orbitum coelestium* (1543); passando ao vocabulário político, ela é empregada nos séculos XVII e XVIII, para designar acontecimentos que impliquem a passagem de um regime a outro, mas sempre permeado esse sentimento por uma idéia de evolução cíclica (restauração).

“Proclamação da República Rio-grandense” (1836). Este, movimento cujo objetivo principal eram caprichos políticos e reveses econômicos da elite gaúcha, patrocinado pelos exaltados, conquista uma série de adeptos, que, movidos por uma propaganda “republicana” seguram a revolução até 1845.

As razões que colaboram para a tomada de decisão de Klingelhoefter talvez estejam no amor pela terra que o acolhera. O curato de almas gratuito durante muito tempo, agora, na perspectiva republicana, alimentava a expectativa da liberdade religiosa, na busca pela liberdade, igualdade e justiça dos imigrantes alemães na colônia, e a concessão de naturalização de todos os colonos. O pastor vira neste ato um tremendo impulso para a colonização e para integração político-social dos colonos.

TRAMONTINI (2000) enfatiza que, quando estoura a revolução, o governo provincial encaminhara normativa para a província informando que não é lícito, de forma alguma, os colonos pegarem em armas para agredir o país em que foram acolhidos; que não se intrometam em negócios políticos, que se tranquilizem, e estejam certos de que suas propriedades e suas famílias serão respeitadas.

De acordo com BENTO (1976), quando a Colônia entrou em conflito, os colonos se dividiram. De um lado havia os partidários do Império sob a liderança do Dr. Hillebrand e, do outro, os revolucionários, ao lado de Salisch. Nesse momento, Klingelhoefter deixa Campo Bom com sua família e parte para Rio Pardo.

Rabuske (1994, p. 36) localiza a origem desta tese nas análises de Hillebrand e de Jahn, que afirmariam ser líder dos católicos o pastor Klingelhoefter ao lado dos farroupilhas, enquanto que Hillebrand lideraria os protestantes legalistas. Acreditamos que esta argumentação deva ser analisada dentro do período e das disputas políticas e religiosas em que foi produzida, não encontrando a menor fundamentação nos desdobramentos da revolução na colônia. Se tais afirmações foram deduzidas do engajamento do pastor Klingelhoefter sobre este tema, destaca Hunsche (1977, p. 148), primeiro, a desilusão do pastor com o governo brasileiro que não cumpriu as promessas de concessão de um grande lote de terras e de receber tratamento especial; segundo, o desejo de ver a religião protestante equiparada à católica; e, por último, a influência de von Salisch; Já Blos acrescenta a estas razões uma briga em que o filho do pastor, disputando com Friedrich Weller as atenções de uma moça durante um baile, acabou ferindo e matando o segundo. “logo após este incidente, Klingelhoefter ingressou nas hostes farroupilhas

acompanhado de seu filho” (1977, p. 15). Enquanto que Becker (1990, p. 499) destaca a influência do filho na tomada de posição do pastor (TRAMONTINI, 2000, p. 238-39).

Para HUNSCHE (1977), Hermann von Salisch parece ter desempenhado o papel de estopim na vida de Klingelhoetter. Em janeiro de 1836, Salisch se encontrava em Campo Bom e, infiltrado entre as forças legais, conseguiu convencer diversos dos seus patrícios a abandonarem as armas e regressarem às suas colônias. É por estes dias que se deu a adesão de Klingelhoetter às forças republicanas estacionadas em Campo Bom.

Pouco se sabe sobre o curto período em que Klingelhoetter combateu junto aos farroupilhas contra “os caramurus”. Morreu degolado⁴ em combate com as tropas imperiais em Freguesia Nova, perto de Triunfo, em 6 de novembro de 1838, quando procurava levar sua família para Rio Pardo, a fim de protegê-la dos horrores da guerra:

Rezam os livros eclesiásticos de São Leopoldo que Klingelhoetter foi enterrado no campo de batalha. Mais tarde, porém, trouxeram para Porto Alegre seus restos mortais e os de seu filho Hermann, “o mais intrépido dos farrapos” (Oberacker), também morto em combate (1845). A sepultura da família ainda existe no Cemitério Evangélico de Porto Alegre, ‘bem cuidado até hoje’ (Schröder) (HUNSCHE, 1977, p. 351).

DREHER (2002) afirma que Klingelhöfer morreu em meio aos distúrbios da Revolução Farroupilha, em 1838, lutando contra as tropas imperiais. Esse fato tem um significado especial, quando se fala a respeito de sua pessoa, pois, com toda a certeza, ele teve de enfrentar, por causa desse seu engajamento, a oposição dos membros de sua comunidade que eram fiéis ao Império. Jorge Carlos Hermann Klingelhoetter faleceu solteiro, numa escaramuça nas proximidades do Rio Uruguai, ao transpor o Rio Ibicuí, na Fazenda de Ipané, como capitão farroupilha (1845). Considerando as ideologias que perpassam a época de Klingelhoetter, não há nenhuma anormalidade em suas atitudes. Pelo contrário, Frederico foi um homem de seu tempo, e se morreu defendendo e reivindicando até seu último suspiro seus ideais, foi uma opção sua. Deve-se creditar a estas virtudes o reconhecimento pela sua ação e engajamento na disputa farroupilha. Klingelhoetter foi uma personalidade extraordinária, cheia de vigor, mas também de muitas contradições. Envolvem a sua vida questões ainda não esclarecidas, fazendo com que a sua imagem ainda hoje, nos fascine.

⁴ Cf. TELLES, Leandro. “Friedrich Christian Klingelhoetter – O Pastor Farrapo”. *Correio do Povo*, 20 set. 1970.

Referências Bibliográficas

- AMADO, Janaína. *A revolta dos mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.
- BECKER, Klaus. “A navegação Fluvial iniciada pelos colonos Alemães (1825-1845).” In: MÜLLER, Telmo L. (org.) *Anais do Quinto Simpósio da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, São Leopoldo, 1980.
- BENTO, Cláudio Moreira. *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul (1635 a 1870)*. Porto Alegre: Gráfica Editora A Nação, 1976.
- BLOCH, Marc. *Introdução a História*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.
- DREHER, Martin Norberto. (org.) *500 Anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: Edições EST, 2002.
- DREHER, Martin Norberto. (Org.) *Imigração e História da Igreja*. Aparecida: Santuário, 1993.
- _____. *A igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- _____. Apontamentos para a história da Comunidade Evangélica de Campo Bom. In: SPERB, Ângela (org.) *Sal da Terra, 160 anos da Comunidade e Escola Evangélicas de Campo Bom*. Canoas: La Salle Gráfica Editora, 1992, p. 13-30.
- _____. *Igreja e Germanidade - Estudo Crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo, Porto Alegre, Caxias do Sul: Sinodal, EST, EDUCS, 1984.
- _____. O fenômeno imigratório alemão para o Brasil. In: *Estudos Leopoldenses*. n. 142, mai/jun. 1995, p. 59-84, 3v.
- FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1994. (Princípios).
- GUINZBURG, Carlos. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HUNSCHE, Carlos Henrique. *O ano 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Metrópole, 1977.
- _____. *O biênio 1824/1825 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: A Nação, 1975.
- LANG, Guido. *Campo Bom: História & Crônica- 1826/1996*. Campo Bom: Papuesta, 1996.
- NORA, P. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. São Paulo: EDUSC, 1993.
- PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. “A Guerra dos Farrapos e a construção do Estado Nacional.” In: PESAVENTO, Sandra J. *A Revolução Farroupilha História e Interpretação*, 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

_____. *Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano*. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

RAMBO, Arthur Blasio. “A igreja dos imigrantes”. In: DREHER, Martin Norberto. (org.) *500 Anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: Edições EST, 2002.

REIS, José Carlos. *Nouvelle Histoire e Tempo Histórico*. São Paulo: Ática, 1994.

SARLET, Érica. *Ainda plantaria minha macieira*. São Leopoldo: [s.n.], 1993.

TELLES, Leandro. “Friedrich Christian Klingelhoer - O Pastor Farrapo”. *Correio do Povo*, 20/09/1970.

TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes – A colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850)*. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

Fontes Documentais:

LIVRO DE REGISTROS 1 DA COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DA TRINDADE, DE CAMPO BOM.

DOCUMENTO Nº 34 Carta de Recomendação 14 de fevereiro de 1826- ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL.

Entrevista

GUSMÃO, Luís Fernando Fayet. Entrevista oral para a pesquisa concedida ao autor em 20 de abril de 2003.